

CLIPPING IMPRESSO

29/03/2021

INDICE

1. DECISÕES	
1.1. JORNAL O IMPARCIAL.....	1
2. FÓRUM DE SÃO LUÍS	
2.1. JORNAL O IMPARCIAL.....	2 - 6

JUSTIÇA

Governo deve recuperar Lagoa da Jansen

ISABELLA GOULART

Foi determinado pela justiça que oficialmente o Governo do Maranhão deve providenciar a recuperação completa do sistema de troca de água da Lagoa da Jansen, em São Luís. Segundo a ação, teria sido constatado a inexistência do controle do nível interno da lagoa, que deveria ocorrer por meio do funcionamento do sistema de comportas.

Desta forma, a Justiça visa, por meio dessa determinação a garantia do funcionamento das comportas que são utilizadas para a manutenção do equilíbrio ambiental. Também será implantado pelo governo um sistema de monitoramento do volume de vazão positiva e negativa e de parâmetros físicos e químicos da água da lagoa.

Segundo o engenheiro ambiental Paulo Gouveia, para acontecer a recuperação da Lagoa da Jansen deverá ser feita através da utilização de aeradores artificiais que podem ser colocados como uma forma de amenizar a condição da água, entretanto é necessário sua manutenção contínua.

“Para recuperação poderíamos sugerir inicialmente a utilização de aeradores artificiais colocados para amenizar a condição anóxica da água, porém para que dê certo deve existir uma manutenção contínua. Segundo, poderíamos propor um desvio e tratamento do esgoto jogado na laguna o que contribuiria bastante para conter a proliferação das macrófitas e da condição anóxica do ambiente, reduzindo assim a decomposição de matéria orgânica na área, e consequentemente o odor provocado pela mesma. E por fim, aumento da taxa de renovação pelo influxo da maré para a melhoria na qualidade do corpo d’água. Seria necessário para uma recuperação total dessa área a realização de estudos e projetos específicos”, explica o engenheiro.

A poluição da Lagoa ocorreu gradativamente, devido as transformações ambientais através das atividades humanas. A esgotos vindos prédios, a poluição das áreas próximas e resíduos jogados nela, fizeram chegar na a situação que encontramos hoje. Ter o monitoramento desta área e sua preservação é muito para o equilíbrio ecológico, além de melhorar um dos pontos turísticos da cidade.



Conheça a história das avenidas de São Luís

Em sua extensão, a partir do Canto da Fabril, deu origem ao chamado Caminho Grande, que depois se dividiu em Avenida Getúlio Vargas, Avenida João Pessoa que passou a chamar-se Avenida São Marçal em alusão ao encontro de bois.

PÁGINA 8

AS GRANDES VIAS

As avenidas e suas histórias em São Luís

DOUGLAS CUNHA

Como conta a história, São Luís começou a ser construída a partir do entorno do Forte São Luís, que depois virou Palácio dos Leões, estendendo-se para o Largo do Carmo, que foi dividido dando lugar, em parte, para a Praça João Lisboa e a grandes ruas como Rua do Sol, Rua da Paz e Rua Grande depois chamada de Rua Oswaldo Cruz, em homenagem aos grande sanitarista brasileiro.

Em sua extensão, a partir do Canto da Fabril, deu origem ao chamado Caminho Grande, que depois se dividiu em Avenida Getúlio Vargas, Avenida João Pessoa, que passou a chamar-se Avenida São Marçal em alusão ao encontro de cordões de bumba-meu-boi que acontece anualmente no Bairro do João Paulo, fato que se dá, porque há a crença de que São Marçal faz parte do grupo dos santos que tem influência nos festejos juninos em São Luís: Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal.

Esta avenida se prolonga até o Outeiro da Cruz no viaduto do Café, cruzamento com a Avenida dos Franceses. A partir daquele ponto, ganhou o nome de Avenida Edson Brandão, passando pelo bairro do Anil até o retorno onde se inicia a Avenida Nossa Senhora da Conceição, e na sua extensão, a partir do retorno da Forquilha, a estrada de São José de Ribamar que liga São Luís à cidade balneária. O Caminho Grande ligava a cidade à chamada, na época, de zona rural, como as comunidades do Turu, Olho d'Água, Maioba e outras. Era por onde escoava

a produção de frutas, hortaliças e outros produtos do setor primário.

A professora doutora Heloisa Reis Curvelo, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, em suas pesquisas, constatou que do Caminho Grande, que se estendia até o Bairro do Anil, foram surgindo, nas suas margens, bairros como Monte Castelo, Apeadouro, João Paulo que se somaram ao Anil e o próprio Cutim (uma extensão do Anil). O Anil, então, era aldeia indígena, cujo nome teve origem pelo fato dos seus habitantes indígenas, usarem uma erva que era esfregada nas águas do rio e as tornava azulada com tons violeta, dando o nome à Vila do Anil.

A denominação Bairro do Apeadouro, se deu em face de ali haver muitas árvores e os vendedores de frutas e verduras, que vinham da zona rural, deixavam naquele local, seus animais, principalmente os equinos e seguiam para o extinto Mercado do Produtor, instalado no chamado Galpão Municipal, que ficava no local onde foi instalada uma caixa d'água. Ali, os produtos da agricultura familiar eram comercializados diretamente ao consumidor e para outros comerciantes estabelecidos nos bairros periféricos e no Mercado Central. Em São Luís, cada rua, cada avenida, guarda uma história. É uma cidade histórica. Todas elas são cercadas de vultos que recontam o passado de mais de quatro séculos, apesar dos aparelhos modernos instalados pelas administrações contemporâneas. Exemplificam-se os nomes de quatro grandes avenidas: São Luís Rei de França, Jerônimo de Albuquerque, Colares Moreira e Daniel de La Touche.



Cada um desses homens figura marcando um momento da nossa história. São vias antigas que foram construídas em uma época em que na cidade não existiam veículos automotores e os meios de transporte eram de tração animal. Estes homens entraram para a história e, depois, para os topônimos urbanos por homenagens, prestadas pelos administradores públicos.

A Avenida São Luís Rei de França foi uma forma de homenagear o monarca que governava a França, na época em que os franceses ocuparam a ilha de Upaon-açu com o sonho de aqui fundar a sua França Equinocial. Jerônimo de Albuquerque Maranhão comandou a conquista e colonização portuguesa em terras maranhenses. Filho de um colono português, Jerônimo de Albuquerque, e de uma índia pernambucana, Maria do Espírito Santo Arcoverde. Jerônimo de Albuquerque foi o responsável pela expulsão dos franceses.

Foi ele quem, em 1614, comandou a Batalha de Guaxenduba, diante do Forte de Santa Maria, hoje município de Icatu, contra as tropas de Daniel de La Touche. Jerônimo de Albuquerque lutou bravamente, ao lado de índios flecheiros, causaram significativas baixas nas tropas francesas resultando na desistência das mesmas.

Uma lenda se originou durante a batalha de expulsão dos franceses: "Milagre de Guaxenduba", contado no livro História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará, escrito em 1759, mais de 100 anos depois da batalha, onde o padre José de Moraes relata a aparição de Nossa Senhora da Vitória entre os batalhões portugueses, o que teria reavivado o ânimo das tropas e, agindo diretamente, transformando areia em pólvora e seixos em projéteis.

Assim, pelo Milagre de Guaxenduba, a santa é reverenciada como padroeira de São Luís. Em reconhecimento aos seus atos heróicos, Jerônimo de Albuquerque Maranhão foi nomeado capitão-mor da Capitania do Maranhão e faleceu em 1618, no Engenho Cunhaú, no Rio Grande do Norte, onde está sepultado.

Outra avenida da cidade, ligada à Jerônimo de Albuquerque, recebeu o nome de Colares Moreira, senador durante o período da República Velha, ou Primeira República. Ganhou posição de destaque ao atuar no comando da Guarda Nacional, já que a "República precisou também de força para se consolidar", conforme o professor Carlos Aberto Ximenes.

A Avenida Daniel da La Touche é uma homenagem ao nobre francês a quem a história atribui ter sido o fundador da cidade. O prédio sede do Governo Municipal também recebe o seu nome (Palácio Daniel da La Touche) e diante da sua entrada principal, se encontra um busto do vulto francês, que fracassou no seu sonho de fundar a França Equinocial, em terras maranhenses.

A Avenida dos Portugueses, que liga o Centro Histórico à região do Itaqui-Bacanga foi construída nos anos 60 e recebeu a denominação para homenagear o povo luso em reconhecimento ao seu trabalho como colonizador do Brasil. Esta avenida é uma variante da rodovia federal BR-135, seguindo até o Itaqui de onde ruma em direção à zona rural, passando pela Vila Maranhão, Pacamonha, Vila Colier até Pedrinhas.

Avenida dos Africanos

A avenida recebeu este nome em homenagem aos escravos africanos que foram trazidos séculos atrás. Consta que com uma grave crise econômica, o Marquês de Pombal resolveu investir na região do Maranhão e Grão-Pará, criando a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, o que estimulou novos produtos agrícolas para exportação.



Com o fortalecimento da agricultura e tendo Portugal como país dominador de um grande mercado de escravos, o mercado negreiro se direcionou para São Luís e, a preço de custo, milhares de africanos escravizados foram trazidos para o Maranhão. Assim, a capital do Maranhão prosperou. A presença dos africanos trouxe elementos que contribuíram para a diversidade gastronômica, cultural e religiosa maranhense.

A Avenida dos Africanos, margeia o lado esquerdo do outrora Rio Bacanga, hoje Lago do Bacanga a partir do advento da Barragem do Bacanga. A via se estende até à Avenida dos Franceses, outra avenida construída no mesmo período, ligando a Avenida Guajajara, no Tirirical, à Avenida Getúlio Vargas, no Apeadouro. A Guajajara se estende até ao retorno da Cohab, passando a sua extensão chamar-se Avenida Jerônimo de Albuquerque. Esta Avenida ganhou esta denominação em homenagem à nação indígena que ainda existe no Maranhão.

Avenida Litorânea

Outra importante avenida de São Luís, é a Avenida Litorânea que se inicia no Bairro Jaracaty passando por baixo da Ponte José Sarney com o nome de Ferreira Gullar até à Ponta D'Areia, seguindo para a área de praias como Avenida Litorânea, até à área da Avenida São Carlos, no Olho D'água.



A construção da Avenida Litorânea se iniciou na administração do governador Luiz Rocha que concluiu todo o serviço de terraplanagem, cabendo ao seu sucessor Edison Lobão, os serviços de urbanização, concluindo com sua inauguração. O governador desenvolve obras de extensão daquela avenida entre o Calhau e Olho D'água. Consta que existe um projeto de construção da Avenida Litorânea estendendo-a até à Praia do Araçagi.

Duas novas avenidas

Na administração da governadora Roseana Sarney, que antecedeu a atual, foram construídas duas importantes avenidas, que em muito contribuíram para a melhoria do fluxo de veículos: Via Expressa, ligando Jaracaty ao Maranhão Novo e a avenida Quarto Centenário, que liga a Camboa à Avenida dos Franceses, passando pelos bairros da Camboa, Liberdade, Fé em Deus e Monte Castelo.



Uma avenida, uma polêmica

A Avenida Carlos Cunha nasceu com o nome de Bandeira Tribuzi e seria inaugurada pelo então presidente da República João Figueredo, que se recusou sob a alegação que não inauguraria uma avenida com nome de um comunista. A Administração mudou o nome para Euclides Figueredo, irmão do presidente. Bandeira Tribuzi emprestou o nome a ponte e a avenida, tempos depois, recebeu o nome de Carlos Cunha, jornalista, poeta e escritor, que também foi um grande educador.

Esta avenida se estende a partir da Ponte Bandeira Tribuzi até o retorno do Calhau. Nela estão o Fórum Judiciário Sarney Costa, Procuradoria Geral da Justiça, Secretaria de Estado da Fazenda, Tribunal de Contas do Estado, Secretaria Estadual da Saúde e a Ordem dos Advogados do Brasil-Maranhão, e outros prédios de propriedade privada.

Avenida dos Holandeses

A Avenida dos Holandeses recebeu esta denominação em homenagem a um dos povos presentes na época da colonização de São Luís. A capital do Maranhão foi fundada por franceses, invadida por holandeses e colonizada por portugueses.

Sob a liderança de Maurício de Nassau, que já domi-

nava parte do litoral nordestino, os holandeses invadiram São Luís e permaneceram por dois anos, espalhando terror. Destruíram a Igreja do Desterro, que foi reconstruída anos depois pela própria população. Os portugueses expulsaram os holandeses e a coroa portuguesa retomou o domínio da região.

Avenida Castelo Branco

A Avenida Marechal Castelo Branco foi construída a partir da construção da Ponte José Sarney, ligando o Centro Histórico a partir da avenida Beira Mar ao Bairro São Francisco. Sua denominação se refere ao Marechal Castelo Branco, que foi político, militar e o primeiro presidente do Brasil depois do golpe militar em março de 1964. Foi nomeado pelo Congresso Nacional, e permaneceu no poder de 15 de abril de 1964 até 15 de março de 1967. O regime militar, que passou a vigorar a partir de sua nomeação, era baseado na política de fortalecimento do Poder Executivo e na ideia de Segurança Nacional. Sua proposta era o enfrentamento ao comunismo e recuperar a credibilidade internacional do país.

O mandato como presidente foi prorrogado, em julho de 1964, por uma emenda constitucional, devendo estender-se até março de 1967, entretanto, o presidente morreu em 18 de julho, quando o avião do Exército em que viajava, chocou-se no ar com um Jato da FAB (Força Aérea Brasileira).